

O parlamentar necrólogo

The necrologist parliamentarian

Nanci Leonzo¹³⁰

Resumo: Proferidos no decorrer de mais de trinta anos de vida pública, os necrológios de autoria de Ulysses Guimarães se constituem em fontes que dizem muito sobre o processo histórico brasileiro e sobre a mentalidade dos homens públicos de boa parte do século XX. A exaltação de valores como honestidade e retidão e o hábito de recorrer a passagens clássicas e frases consagradas por intelectuais do passado foram características marcantes em suas manifestações de pesar. Escritas ou improvisadas, muitas delas foram ditas no Salão Negro do Congresso Nacional pelo homem culto, religioso e conciliador, como era reverenciado por seus pares que jamais tiveram a oportunidade de velar-lhe o corpo, dada sua trágica morte em acidente aéreo, em outubro de 1992.

Palavras-chave: Necrológio; Política; Ulysses Guimarães.

Abstract: Produced along more than thirty years of public life, the obituaries written by Ulysses Guimarães are relevant sources of information concerning the Brazilian historical process and the mentality of public men during most of the 20th century. The exaltation of values such as honesty and righteousness, and the habit of resorting to classical passages and sentences by scholars from the past were outstanding features in his necrology manifestations. Written or improvised, many of them were delivered in the Salão Negro do Congresso Nacional (National Congress Black Lounge) by this religious and conciliating figure, as he was regarded by his peers, who could never mourn around his body, due to his tragic death in a plane crash in October 1992.

Keywords: Necrology; Politics; Ulysses Guimarães.

130 Professora Aposentada Mestre, Doutora e Livre Docente/USP. Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História Social/USP. Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq "Medicina e Sociedade". nleonzo@uol.com.br / nleonzo@usp.br

Os mortos alimentam-se de julgamentos; os vivos de amor.

(Elias Canetti)

Os necrológios, também denominados obituários, saíram de moda. A imprensa brasileira raramente lhes concede um espaço especial, diferentemente do que ocorre, por exemplo, na Inglaterra e nos Estados Unidos. No conhecido jornal *New York Times* atuou, durante anos, Alden Whitman (1913-1990), cuja peculiaridade residia no fato de entrevistar as personalidades antes do seu falecimento, com o objetivo de deixar preparados seus respectivos obituários. Esse procedimento foi bem narrado pelo escritor de origem russa Vladimir Nabokov (1899-1977), conhecido, mundialmente, pela publicação, em 1955, do livro *Lolita*. O jornalista, nascido na Nova Escócia, Canadá, e radicado nos Estados Unidos, o procurou, em abril de 1969, na cidade de Montreux, onde vivia, com o pretexto de entrevistá-lo pouco antes de completar 70 anos de idade. Nessa ocasião, perguntas e respostas foram parcialmente publicadas. Nabokov, entretanto, logo compreendeu que parte da entrevista havia sido arquivada para ser utilizada, após seu falecimento, por Whitman ou seu sucessor (Nabokov's interview, *The New York Times*, 1969). Curiosamente, coube a um comitê a elaboração do obituário de Whitman, responsável pela escrita de centenas de textos dessa natureza, enfatizando a vida de pessoas famosas. Várias pessoas trabalharam nele, sendo reescrito três vezes (*The Washington Post*, 1990). Até hoje, os obituários jornalísticos mais importantes integram a ponte aérea Londres-Nova York (SUZUKI JR., *Matinas*, 2008, p. 291). Contudo, a chamada cultura dos obituários sofreu grandes mudanças com a ascensão das mídias eletrônicas a partir de meados dos anos 2000, levando a escritora norte-americana Molly Birnbaum (1982- ----) a perguntar: Como recordaremos a morte no futuro? (*Atlas Obscura*, september 16, 2015).

Os países de língua inglesa adotaram a expressão *obituary*. Naqueles onde prevaleceu a cultura francesa predo-

minou o necrologe, em português necrológio¹³¹. É o caso do Brasil, onde esse tipo de culto aos mortos se fez presente na imprensa e, principalmente, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a partir de 1838, ano de sua fundação (LEONZO, 1983, p. 76-85). Quase todos os necrológios do século XIX se referem às pessoas notórias. Cito uma exceção: um certo pintor e artista dramático português chamado Antônio José Arias, cujo falecimento foi noticiado em um periódico do Rio de Janeiro sob a seguinte justificativa: não era uma celebridade, nem por isso deixou de ser um distinto (Jornal do Comércio, RJ, 1892). Logo, entretanto, esses elogios históricos, como os denominavam alguns franceses, chegaram à vida parlamentar. Um exemplo digno de menção e que diz respeito aos primeiros anos da República brasileira foi a sessão do Congresso Nacional de 24 de janeiro de 1891, inteiramente consagrada à memória de Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1837-1891), que falecera doente e ralado de desgostos políticos. No dia de finados do mesmo ano, o médico e parlamentar Erico Marinho da Gama Coelho (1849-1922) voltou a homenageá-lo, citando seus feitos como administrador e promotor da República. Nessa última data, Coelho manifestou-se, claramente, contra o Governo Provisório, afirmando que Benjamin Constant morrera a tempo de não assistir à desonra da pátria. (Anais da Câmara dos Deputados, RJ, 1891; Gazeta de Notícias, RJ, 1891). Portanto, sua entronização efetiva, se deu nas esferas do poder (LEMOS, 1999, p. 534-537). O hábito de impregnar os necrológios de elogios à vida política dos pares falecidos se perpetuou, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, ao longo do século XX.

O paulista Ulysses Silveira Guimarães, nascido em Rio Claro, SP, em 6 de outubro de 1916, teve uma morte trágica. Um acidente de helicóptero, ocorrido em 12 de outubro

131 Entendia-se, desde a primeira metade do século XIX, a palavra necrologia, de origem grega, como o anúncio da morte recente dos homens considerados como os mais importantes. Tal anúncio era acompanhado de uma nota significativa sobre suas respectivas trajetórias de vida. Dictionnaire des sciences médicales, 35, 1819, p. 334-335.

de 1992, próximo à Angra dos Reis (RJ), interrompeu sua intensa vida pública, iniciada como deputado estadual em 1947 pelo Partido Social Democrático (PSD) de São Paulo, tendo como mentor Fernando Costa (1886-1946), ex-interventor e um dos fundadores do referido Partido (ENTREVISTA de Ulysses Guimarães realizada por Getúlio Bittencourt, 1979). Nele faleceram sua esposa Ida Mainani de Almeida (1922-1992), conhecida como Mora, e o casal Severo Gomes. Somente o corpo de Ulysses jamais foi encontrado. Como parlamentar, destacou-se pela atuação na presidência da Assembleia Nacional Constituinte, entre 1987 e 1988, quando nasceu a chamada Constituição Cidadã, promulgada em 5 de outubro, e destinada a instituir, sob a proteção de Deus, um Estado democrático após vinte anos do golpe militar de 1964. Tempos antes de sua morte, Ulysses trabalhara muito para o desfecho final do processo que resultara no impeachment de Fernando Collor de Mello (1949- m - ----), chegando a sugerir sua renúncia. A reação de Collor revestiu-se de violência: O Doutor Ulysses está esclerosado, senil, decrepito, vetusto, fica pregando a insubordinação do Congresso contra a lei e o Supremo. É um bonifrate dos interesses econômicos de São Paulo. A resposta do Sr. Diretas foi curta e grossa: velho sim, velhaco não (Apud GUTTENBERG, 1994, p. 334).

De fato, Ulysses Guimarães estivera muito doente, mas não sofrera de esclerose. A morte de Tancredo Neves (1910-1985) lhe causara o que se conhecia, na época, como depressão ou psicose maníaca depressiva¹³² e o levava a se afastar, temporariamente, da política. Dizia coisas sem nexo e tomava atitudes ridículas. Com a ajuda de José Sarney (1930- m - ----), foi se tratar nos Estados Unidos e diagnosticado com uma intoxicação causada por remédios, sobretudo pelo lítio. Em junho de 1986 estava curado (GUTTENBERG, 1994, p. 251-262). Mora chegou a sustentar que seu esposo admirava, amava e temia Tancredo, palavras por ele pro-

132 Hoje, talvez, transtorno bipolar.

nunciadas na sessão de homenagem ao presidente morto que não chegou a tomar posse do cargo (MORENO, 2013, p. 31). Mas, ao que tudo indica, havia um certo exagero por parte de Ulysses com relação aos nobres sentimentos nutridos pelo falecido, conforme pelo menos dois episódios, ocorridos em 1979 e 1984, relatados por um jornalista em biografia recente (FRAGA, 2017, p. 275 e 381). Pedro Simon (1930- m - ----) foi mais incisivo, quando afirmou que havia uma disputa permanente entre Ulysses e Sarney (SIMON, 2006, p. 431). Segundo, ainda, Mora, Tancredo levou para o túmulo três mágoas injustas relacionadas com votações internas do partido oposicionista (MORENO, 2013, p. 146). O certo é que, mais de uma vez, a discórdia, em assuntos políticos, reinou entre ambos para desaparecer, quase que por completo, no necrológio. O único vestígio dela foi a expressão temor.

Homem culto e religioso, Doutor Ulysses, como era tratado pelos colegas do Congresso, costumava citar passagens clássicas e religiosas em muitos de seus pronunciamentos e, principalmente, necrológios. Contudo, nem sempre era fiel aos autores de suas citações, mas, ao que tudo indica, isso não era notado pelos ouvintes. No célebre discurso realizado em Brasília, durante a Convenção do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em 22 de setembro de 1973, quando se apresentou como candidato de oposição perante o Colégio Eleitoral, ou melhor, como anticandidato (GUIMARÃES, 1978, p. 41-47), cometeu um deslize. A fonte do parlamentar, ao pronunciar as palavras *Navigare necesse, vivere non est necesse* (Navegar é preciso. Viver não é preciso) não foi o poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) e sim Caetano Veloso (1942-m - ----), autor do fado *Argonautas*, canção de sucesso na época (GUTTENBERG, 1994, p. 200-201). Em uma espécie de necrológio, entretanto, Ulysses teve a oportunidade de reparar mais um erro. Assim, na elegia escrita em homenagem à jornalista e deputada pernambucana, que atuou na Assembleia Nacional Constituinte, Maria Cristina de Lima Tavares

Correia (1934-1992), falecida de câncer, em Houston, Texas, escreveu, no jornal *Correio Braziliense*, as seguintes palavras: Os amigos não morrem. Ficam encantados, na magia de Carlos Drummond de Andrade (GUIMARÃES, 2012, p. 527). Foi um grave equívoco, reparado no necrológio de seu velho amigo do tempo das Arcadas, Antônio Silvio da Cunha Bueno (1918-1981). Nesse momento, as atribuiu ao seu verdadeiro autor, o mineiro de Cordisburgo João Guimarães Rosa, nascido em 1908 (GUIMARÃES, 2012, p. 290). Elas integram o discurso de posse do autor de *Grande Sertão Veredas*, lido em 16 de novembro de 1967, na Academia Brasileira de Letras. Três dias depois, faleceria.

Um dos autores que Ulysses Guimarães mais apreciava, ao que tudo indica, foi Gilbert Keith Chesterton (1874-1936), convertido ao catolicismo durante uma viagem à Palestina, em 1919, e para quem era pouco recomendável escrever sobre a morte. Embora muito o admirasse, o Senhor Diretas, como ficou conhecido, não levou em conta, em muitas oportunidades, essa observação do escritor inglês, lido, até os dias atuais, pela sua incondicional defesa da cristandade (CHESTERTON, 2013). O catolicismo do casal Mora e Ulysses era conhecido por todos que o cercavam. Ao saudar, na Câmara dos Deputados, o cardeal Amleto Giovanni Cicognani (1883-1973), por ocasião dos 250 anos do culto da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, o parlamentar considerou a encíclica de Paulo VI, *Populorum Progressio* (Sobre desenvolvimento dos povos), datada de 26 de março de 1967 e totalmente dedicada à questão social sob a ótica global, a obra do século:

A *Populorum Progressio* é a encíclica da misericórdia e da redescoberta da fraternidade, seguro breviário de ação e substância política, que o dever gravou com letras de voto e juramento nas paredes de nosso destino.

Ouçamos em sua vigorosa autenticidade a fala pontifícia no desassombrado anátema ao “imperialismo internacional do dinheiro” e ao “escândalo de proporções revoltantes, não só na posse de bens,

mas ainda no exercício do poder”, ou que arrasta a trágica deslembração de que “a economia está a serviço do homem”. (GUIMARÃES, 1967, p. 170-173).

Outra clara manifestação da religiosidade de Ulysses Guimarães se encontra no seu discurso de posse, realizado em abril de 1972, na condição de presidente do Diretório Nacional do MDB. Encerrando a Convenção, assim se pronunciou:

Senhores convencionais: fundador do MDB, participei de todas suas dramáticas crises. Sempre me manifestei contra a autodissolução do partido. Isso seria suicídio e o suicídio é rematada loucura. Se um parente ou amigo está mal, talvez condenado à morte, que fazer? Suspender a assistência médica, cessar os cuidados, conformar-se? Ou, ao revés, tentar tudo, fazer todos os sacrifícios, redobrar as vigílias, multiplicar os desvelos? Principalmente rezar¹³³. Temos fartos exemplos dos que assim se salvaram, por obra do amor e da ciência dos homens ou por milagre de Deus. (100 ANOS DE ULYSSES GUIMARÃES: DOIS GRANDES DISCURSOS, p. 6.)

A religiosidade, em particular, o catolicismo de Ulysses Guimarães, também se fez presente na defesa da Assembleia Nacional Constituinte, cujo espírito havia sido, em sua opinião, negar, veementemente, as práticas da ditadura militar, em particular o autoritarismo. Nessa ocasião, voltou-se contra toda espécie de radicalismo político e ideológico, cerceou os pleitos de alguns parlamentares e glorificou seu momento de triunfo: Vivi meu domingo de Ramos em Jerusalém. “Se eles calarem, clamarão as pedras” (apud GUTEMBERG, 1994, p. 268). Era uma clara alusão à entrada de Jesus em Jerusalém e à conduta dos fariseus que tentaram reprimir seus discípulos, evento mencionado em quatro evangelhos (Marcos, Mateus, Lucas e João). Em nenhum de seus necrológios Ulysses, como cristão fervoroso, mas, ao que tudo indica, não praticante, jamais demonstrou ser invulnerável

133 \Os grifos são meus.

aos perigos que o levavam à morte. Segundo o amigo Pedro Simon, entretanto, a repudiava (Jornal do Senado, Brasília, 2007). Tinha horror de pensar que poderia morrer na cama, adoentado, afirmou o constituinte Antônio Tidei de Lima, nascido em 1945, no interior do Estado de São Paulo (Diário do Congresso Nacional¹³⁴, 1992). Para Ulysses, importante ressaltar, o inimigo mortal do homem era a miséria (DISCURSO de 5/10/1988, por ocasião da proclamação da Constituição Federal).

Uma das frases mais conhecidas de Ulysses Guimarães é de autoria de um famoso poeta e cineasta francês: Que beleza o convite de Jean Cocteau: “Fechamos com doçura¹³⁵ os olhos dos mortos. Com a mesma doçura devíamos abrir os olhos dos vivos” (GUIMARÃES, 1978, p. 28). Tais palavras integram o melodrama teatral *Les parentes terribles*, apresentado, pela primeira vez, em 1938 e reapresentado em 1946, após o término da II Grande Guerra. Dois anos depois, Cocteau (1889-1963) cuidaria de adaptá-la para o cinema. No Brasil, a peça recebeu o título de *O Pecado Original*, tendo sido exibida, entre fins de maio e início de junho de 1950, no Teatro Fênix, localizado na cidade do Rio de Janeiro (Correio da Manhã, RJ, 1950). Como as evidências são escassas, é impossível saber quando Ulysses tomou conhecimento dessa frase e dela se apoderou, ainda que mencionando seu autor. Jean Cocteau era um poeta desconhecido e incompreendido, até a adaptação de suas peças para o cinema. A primeira delas surgiu em 1930 e se intitula *Le sang d’un poète*, porém, seu maior sucesso foi *Orfeu*, filme lançado em 1949 e baseado em um mito grego (EL GHARBIE, 2015).

Nem a família, nem seus amigos mais íntimos tiveram a oportunidade de fechar, com ternura, os olhos de Ulysses Guimarães. Embora a Marinha brasileira tenha procurado por vinte e sete dias seu corpo (Revista Marítima Brasileira,

134 Daqui por diante DCN.

135 A palavra, *douceur*, que consta do texto original, pode ser melhor traduzida como ternura.

RJ, 1994), ele desapareceu no fundo do mar, a única coisa feita por Deus que realmente se parece como uma muralha. Completando: a única muralha da natureza; o limite do intelecto; o escuro e o último dogma do mundo (CHES- TERTON, 1910, posição 1598). Segundo o político catari- nense Luís Henrique da Silveira (1940-2015), para Ulysses o mar era silêncio e paz. Poucos dias antes de sua morte o velhinho lhe chamara para vir ao seu gabinete, ocasião em que o visitante lhe oferecera uma coleção de gravações da orquestra de Glenn Miller (1904-1944), feitas durante a II Grande Guerra. Ulysses então afirmara: Homem feliz esse Glenn Miller. Teve uma vida de sucesso. Desapareceu no mar. O mar é silêncio e paz! Quando eu morrer, se me botarem num caixão, pode dizer que ali vai um homem contrariado! (O Globo, RJ,2012).

Ninguém teve a oportunidade de segurar as alças de seu caixão mortuário, nem de fazer discursos, o que agradou ao empresário Marco Aurélio Costa, proprietário do res- taurante brasiliense Piantella, onde Ulysses reunia, desde 1976, amigos e políticos para tratar, predominantemente, de assuntos políticos (O Globo, RJ, 2012). Assim também se manifestou o petista José Genoíno Guimarães Neto: “A Câmara dos Deputados está menor. Existe um grande vazio nesta Casa. Paradoxalmente, prefiro que o corpo do Dr. Ulysses Guimarães continue nas ondas verdes do mar a estar dentro de um caixão, para ser velado por nós no Salão Negro do Congresso Nacional” (DCN, 1992).

No necrológio de Luís Viana Filho (1908-1990), ex-gover- nador da Bahia, deputado, senador e presidente do Senado e do Congresso Nacional, Ulysses Guimarães reconheceu que teve em ferrenhos adversários políticos, excelentes amigos. O homenageado era, apenas, um deles. Outros foram, por exemplo, Otávio Mangabeira (1886-1960), José Eduardo do Prado Kelly (1904-1986), Aliomar de Andrade Baleeiro (1905-1978), Adauto Lucio Cardoso (1904-1974) e Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) (GUIMARÃES, 2012, p. 459). O controvertido político e intelectual Luís Viana

Filho, que passou pela UDN, PL e ARENA, foi, também, o autor de vários necrológios, inclusive o do General Emilio Garrastazu Médici (1905-1985). Cabe lembrar que exerceu o cargo de Ministro para Assuntos Cívicos da Presidência da República durante o governo Castello Branco (1964-1967), acumulando o Ministério da Justiça em 1966. Contudo, não é possível esquecer que, atendendo a um pedido de Jorge Amado (1912-2001), Luís Viana Filho foi quem articulou o retorno de Glauber Rocha (1939-1981) ao Brasil, que ameaçava se suicidar no exílio (AMADO, 1990, p. 105-106). Como esquecer, também, nesse particular, as significativas palavras do opositor petista José Genoíno Guimarães Neto: O Dr. Ulysses e eu trocamos inúmeras confidências (Jornal do Comércio, RJ, 1992). O parlamentar necrólogo era um conciliador, aproximando-se do liberalismo de Chesterton, assim definido por um adepto brasileiro também convertido ao catolicismo, Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde): Muita gente não aceita Chesterton no Catolicismo por considerá-lo liberal demais. Convertido, manteve-se um espírito aberto, com a mesma capacidade de dialogar com adversários, jamais perseguindo alguém, defendendo sempre a liberdade de pensamento (AMOROSO LIMA, 1973, p. 144).

Mais uma obra cabal da capacidade de ouvir seus opositores e aconselhá-los foi dada pelo senador petista Paulo Paim (1950-m - ----), por ocasião da sessão solene do Congresso Nacional, realizada em 11 de outubro de 2012 e destinada a relembrar a trajetória política de Ulysses Guimarães. O Partido dos Trabalhadores (PT) desejou incluir na futura Constituição o direito de greve e a reforma agrária. Diante do impasse, Paim, em companhia de alguns sindicalistas, procurou Ulysses, presidente dos trabalhos da Constituinte, em seu gabinete na Câmara dos Deputados. Este lhe aconselhou a entrar em contato com o senador de maior trânsito nos partidos de direita, Jarbas Passarinho (1920-2016). A articulação deu certo: o direito de greve foi incluído na Constituição de 1988 (LARCHER, 2012, p. 6). Uma tarefa maior era enfrentar as tempestades que

tornavam o plenário um mar revolto, como, por exemplo, a questão agrária. Para José Carlos Sabóia (1945 m - ----), filiado ao PSB do Maranhão, bem como para outros constituintes de esquerda, essa teria sido uma grande perda política (Jornal da Constituinte, Brasília, 1988). Ulysses a tudo resistia, dando voz aos opositores, mas fazendo valer seus propósitos. Austregésilo de Athayde assim se referiu às suas reações diante dos constantes enfrentamentos: Primando por uma cultura invulgar, pela presteza e graça de uma réplica, que, sem ofensa, logo atalhava os adversários, rendendo-os à serenidade e gosto cultural e artístico de sua palavra (ATHAYDE, p. 4). Ambos, que tinham em perspectiva a longevidade, parecem ter seguido o célebre escritor Elias Canetti (1905-1994), para quem a cultura é fermentada a partir das vaidades daqueles que a fomentam. Ela é um perigoso elixir do amor que afasta o pensamento da morte (CANETTI, 2009, p. 23).

Impossível contabilizar todos os necrológios, bem como as homenagens orais e escritas, que se sucederam, ao longo dos anos, a fim de lembrar Ulysses Guimarães. Dois deles merecem ser mencionados, pois repetem o hábito do velhinho de citar frases, ao tempo, consagradas por alguns intelectuais. Morto, é maior do que vivo ou Morto, parecia maior do que vivo, é a frase atribuída a Henrique III de Valois (1551-1589), contida nos textos elogiosos de, respectivamente, Austregésilo de Athayde (1898-1993) e Josué Montello (1917-2006), que se ocuparam da trajetória de vida do parlamentar necrólogo. (SANDRONI, 1998, p. 767; Jornal do Brasil, RJ, 1992). Ambos copiavam Rui Barbosa (1849-1923), o qual, a propósito da morte de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Moço (1827-1886), assim se pronunciou: “Morto, parece ainda maior do que vivo! Dizia Henrique III, compassando com os olhos o corpo do duque de Guise (BARBOSA, 1886, p. 267). Curiosamente, os dois imortais optaram, seguindo Rui, um dos fundadores da ABL, talvez por ignorar, em seus escritos, o contexto em que surgira a frase original, isto é, o cruel assassinato, a mando

do próprio Henrique III, de seu rival, Henri de Guise (1550-1588), católico fervoroso que se destacara nas guerras de religião e ficara conhecido como Le Balafre, em português O Cicatriz (CAUVIN, 1881, p. 354). Ulysses também desejou, no período em que se tornara o anticandidato à presidência da República, ingressar no Cenáculo, conforme registrou no necrológio de Luís Viana Filho. Este, na condição de idealizador da candidatura, chegou a cabalar votos no Brasil e no exterior. O amigo Renato Archer (1922-1996), um dos fundadores do PMDB, contudo, o aconselhou a desistir da disputa (GUIMARÃES, 2012, p. 460-461).

O historiador francês Gabriel Monod (1844-1912) fundou, em 1876, a *Revue Historique*, destinada a publicar trabalhos originais e sérios elaborados pelos que se dedicavam às investigações históricas (CARBONELL, 1976, p. 411). Recentemente, Olivier Dumoulin (1976- ---) estudou, nessa publicação, como Monod fazia os mortos falarem. Resvalou em Lucien Febvre, autor de raros necrológios, contudo, perseguiu seu principal propósito, isto é, analisar aqueles escritos por Monod e que tinham como missão construir o retrato do historiador ideal, elaborar os valores da ciência, inventar as modalidades da comunidade dos historiadores (DUMOULIN, 2017, p. 143 e 241). Ulysses Guimarães cultivou, talvez como ninguém, na esfera política, tais deplorações coletivas, cujo ponto de partida teria sido, com alguma probabilidade, Rui Barbosa em seu pronunciamento à beira do túmulo de José Bonifácio, o Moço:

Esta sepultura é santa aos nossos olhos: não é a urna de um corpo, mas a arca dos mandamentos de uma nova cruzada: pela abolição radical. Pela democracia. Pelos princípios à covardia das transações. Pelas ideias contra os ídolos. Pelos programas contra os argumentos pessoais, Pela reconstrução do Partido Liberal contra o partido da deserção, que se tenta em seu nome. (BARBOSA, 1886, p. 368).

Não há dúvida da presença, nem sempre explícita, de Rui Barbosa nos pronunciamentos e escritos das gerações

que passaram a atuar, na política brasileira, a partir do falecimento do jurista baiano. Assim, os necrológios lidos ou improvisados, a maior parte deles, na Câmara dos Deputados, por Ulysses Guimarães, tinham como missão exaltar condutas particulares e recomendar aos parlamentares o que deles se esperava como representantes do povo, em especial, honestidade e retidão. Angariou vários discípulos em sua campanha contra a ditadura, da qual tinha ódio e nojo. Um deles, Jarbas Vasconcelos (1942- m - ----), sustentou que ele vivia na esperança de que o homem não fosse corrompido pelo poder, nem tentasse ficar isento de seus erros. Lembrou, ainda, seu otimismo e sua resistência às manobras típicas da arrogância e da prepotência. Em 4 de outubro de 2017, Vasconcelos já vislumbrava a descrença da sociedade com relação aos políticos (ULYSSES VIVE, p. 6), hoje de fácil comprovação. Ulysses, como é notório, jamais sustentou a perfeição da Constituição de 1988. Ela seria a guardiã da governabilidade, mas estaria aberta às reformas que, ao longo do tempo, se fizessem necessárias. Jarbas Vasconcelos foi certo em suas observações:

Doutor Ulysses, como respeitosa e chamava, é um fenômeno da política brasileira no século XX, pois conseguiu atingir a dimensão de mito; obteve um prestígio singular e uma respeitabilidade venerável sem exercer sequer um mandato executivo. Talvez tenha paralelo apenas na figura de Rui Barbosa, em retidão e ausência de experiência no exercício do Poder Executivo (ULYSSES VIVE, p. 8).

Fernando Henrique Cardoso (1931- m - ----), em entrevista concedida com o propósito de colaborar com a tentativa de desvendar os segredos da Constituinte, não foi muito generoso com Ulysses Guimarães. Além de afirmar que ele desejava manobrar tudo – o que não ocorrera com ele e Mario Covas (1930-2001) - atribuiu o resultado da Constituição de 1988 à Bernardo Cabral (1932- m - ----). Assim declarou: A nossa é a cabeça do Bernardo, não é a cabeça do Ulysses, que tem rumo. O sociólogo e professor univer-

sitário, que se fez, por duas vezes, presidente da República, avaliou Ulysses como um político tradicional e clientelista, incapaz de compreender que a sociedade brasileira vivia um processo de modernização. Contudo, reconheceu que:

Ele era assim, ele decidia, ele mandava. Agora ele foi crescendo na história, tomando outra postura. E também (sic) enfrentou os militares em momentos difíceis. Se não fosse o Ulysses nós não teríamos o processo que teve. Quem convocou o “Diretas Já” não foi o Ulysses e sim o (Franco) Montoro. Mas quem fez aquele negócio funcionar, quem deu expressão política foi o Ulysses (Entrevista publicada por CARVALHO, 2017, p. 114; 118).

Ulysses Guimarães, hoje relegado ao esquecimento, foi testemunha dos mais importantes e deploráveis acontecimentos do processo histórico brasileiro, inclusive do suicídio de Getúlio Vargas, chegando a entrar, em companhia do amigo Menotti Del Picchia (1892-1988), no quarto austero e fatídico onde repousava o corpo do ditador, já vestido para as cerimônias fúnebres (GUIMARÃES, 2012, p. 460). Sim, acreditava na fatalidade, ainda que sob a perspectiva do catolicismo, do qual não era, definitivamente, um praticante. Suas citações de passagens bíblicas revelam, nas entrelinhas, a essência de uma crença baseada na teologia cristã. Pierre Chaunu tinha razão quando afirmara que o discurso cristão sobre a morte é perfeitamente realista, não sacrificando a experiência vivida (CHAUNU, 1979, p. 128). Os necrológios elaborados por Ulysses, quase todos permeados pelo entendimento do que significava praticar a nobre política, isso comprova, pois funcionavam como uma lição de vida e, por vezes, como uma advertência. Daí a razão de suas habituais manifestações de pesar que, à primeira vista, se propunham apenas restituir a dignidade dos mortos. Nada mais eram do que uma expressão do pragmatismo político de um velho liberal.

Ulysses não aceitava nem mesmo a decadência do seu corpo físico, como demonstra uma conversa informal com os

amigos Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000) e Austregésilo de Athayde. Nessa ocasião, este último afirmara o seguinte: Nós já estamos na idade do corrimão. Não podemos mais viver sem um corrimão por perto. Ulysses, indignado, respondera: Nós não: vocês. Eu ainda não preciso de corrimão. Eu ainda estou lépido e fagueiro (Jornal do Brasil, RJ, 1992). Queria e necessitava estar vivo e atuante, embora, nos últimos nove anos de sua existência, tivera, mais de uma vez, sua saúde abalada (SCARTEZINI, 1993, p. 9).

Com relação à Constituição promulgada em 1988, cabe ressaltar, Ulysses Guimarães jamais a viu como perfeita. No início dos trabalhos, conforme depoimento de Mailson da Nóbrega (1942- m - ----), era uma festa cívica, uma espécie de arma para vencer os poderosos (Entrevista de Mailson da Nóbrega, apud CARVALHO, 2017, p. 87). O historiador Carlos Guilherme Mota (1941- m - ----), apoiado, em parte, pela atuação e escritos de Raymundo Faoro (1925-2003), que, ao tempo, defendia, perante o STF, alguns senadores empenhados na realização de uma CPI sobre a corrupção, viu o surgimento de uma nova sociedade civil (JORNAL DO BRASIL, RJ, 1988). Logo, entretanto, essa e outras manifestações de entusiasmos se dissiparam, dada a interferência, na Constituinte, do Planalto e do chamado centrão, cuja origem teria sido uma conversa entre Jorge Bornhausen (1937- m - ----), Antonio Delfim Neto, Roberto Cardoso Alves (1927-1996)¹³⁶, Roberto de Oliveira Campos (1917-2001) e José Lourenço Moraes da Silva (1933- m - ----). Nessa ocasião, o primeiro alertara os companheiros com a seguinte frase: Se nós não juntarmos, o país vai ser soviético (Entrevista de Sandra Cavalcanti, apud CARVALHO, 2017, p. 406). Era o que Faoro denominara o resultado da ação dos chamados partidos cativos, do qual resultara o inconformismo, que teria gerado revolta e desencanto. Quanto à futura Constituição, o renomado jurista foi, em junho de 1987, taxativo: não era uma fonte de poder e sim de direito, pois

136 Conhecido como Robertão. Ganhou popularidade ironizando a frase de São Francisco de Assis é dando que se recebe.

a fonte de poder era, para ele, o povo (FALCÃO; FRANCO, 2018, p. 187-192). De tudo fica a certeza de que os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte não se constituíram em um mar de rosas. Cinco membros faleceram nesse período (Entrevista de Fernando Henrique Cardoso, apud CARVALHO, p. 120), mas o caso de maior notoriedade foi o suicídio, em junho de 1987, do combativo senador do PMDB amazonense Fabio Lucena (1940-1987) cardíaco, depressivo e alcoólatra¹³⁷. Um jornal carioca atribuiu sua precoce morte ao desencanto com os rumos tomados pela Constituinte (A TRIBUNA DA IMPRENSA, RJ, 1987). Outros, por problemas pessoais. Vale lembrar, ainda, que um periódico de Manaus admitiu que o parlamentar sofria de síndrome do golpismo militar. Ao que parece, esse lamentável episódio nunca foi seriamente investigado.

O relevante papel desempenhado por Ulysses Guimarães na Assembleia Nacional Constituinte e durante o processo de democratização do país, ainda não concluído, pode ser comprovado pelas seguintes palavras de Antônio Delfim Neto (1928- m - ----): Foi um erro não termos atraído o Ulysses. Com ele, a revolução teria ficado mil anos no poder (Jornal do Brasil, RJ, 1988). Saudosismo à parte, fica o oportuno testemunho desse controvertido homem público. Recentemente, isto é, em 25 de julho de 2018, o jurista e ex-ministro da Justiça de José Sarney, José Paulo Cavalcanti Filho (1948- m - ----) e que integrou a Comissão de Notáveis criada para servir de base aos constituintes, além da Comissão da Verdade criada por Dilma Rousseff, concedeu uma entrevista ao jornalista José Nêumanne na qual declarou o seguinte:

[...] acredito que num cenário conturbado como aquele, nossa Constituição de 1988 acabou sendo, sobretudo, resultado da gula sem medida dos interesses corporativos. É um repositório de bons

137 Fora, eles, além de Fabio Lucena, Alair Ferreira, Antônio Farias, Norberto Schwantes e Virgílio Távora. Constituição da República Federativa do Brasil, 2001, p. 137.

sentimentos delirantes que nos legou 112 direitos individuais, coletivos e sociais (artigos 5º., 6º. e 7º.). Mais que três vezes o de qualquer outra Constituição do planeta (a dos Estados Unidos tem só dez). O que é a cara do Brasil. (ENTREVISTA de Cavalcanti a José Neumann Pinto, 2018).

Curiosamente, quando Cavalcanti foi inquirido sobre o fato de Ulysses Guimarães ter cunhado a expressão Constituição Cidadã, ignorou o papel desempenhado pelo parlamentar necrólogo. Nem chegou a citá-lo. Enveredou pela poesia, concluindo que nossos congressistas resistem a qualquer mudança. Conforme acentuou Todorov (1939-2017), o passado é feito de eventos múltiplos; de significação indeterminada; são os atores do presente que decidem dotar esses eventos de um valor indubitável (TODOROV, 2002, p. 168). A avaliação negativa da Constituinte feita pelo jurista pernambucano e, sobretudo, o silêncio sobre Ulysses, contradizem o intelectual búlgaro, mas fornecem, com base nos escritos do Abade Dinouart (1716-1786), fortes suspeitas. Este religioso considerou onze tipos de silêncios: prudente, artificioso, complacente, espiritual e estúpido, sem esquecer os que são sinais de aprovação, desprezo, humor, capricho e fineza política (DINOUART, 1771, *apud* CORBIN, 2016, p. 133-134). Qualquer um deles – ou mais de um - pode ter motivado a atitude de Cavalcanti. De qualquer maneira, a evocação particular ou pública do passado, principalmente quando se é dele um testemunho, é, necessariamente, seletiva e incompleta. Disso jamais será possível escapar.

Ulysses Guimarães viveu, parodiando Hanna Arendt (1906-1975), tempos sombrios. Poucas vezes mostrou-se abatido pelo clima shakesperiano¹³⁸ que caracterizou boa parte de sua vida política. Morreu fardado, e não de pijama, como desejara (GUIMARÃES, 1991). Consta que, poucos momentos antes de embarcar no helicóptero fatídico, re-

138 A expressão foi citada pelo próprio Ulysses. Ele a definiu como uma enxurrada de palavras, palavras, palavras, palavras, referindo-se a um pronunciamento do presidente João Batista de Figueiredo, realizado no início da década de 1980, sobre eleições diretas para governadores e senadores.

cebera um telefonema de Itamar Franco sobre a indicação de um nome para compor o novo corpo ministerial (Tribuna da Imprensa, RJ, 1992). Para o jornalista Clovis Rossi, (1943- m - ----), vinte e cinco anos depois de tragicamente falecer, Ulysses ainda é o rosto da democracia (Folha de S. Paulo, 2017). Seu PMDB deixou de existir, pois há fortes evidências de que vem perdendo, dia-a-dia, sua identidade e credibilidade. Ficaram, apenas, vestígios de uma memória positiva, mas ainda maleável, do combatente homem público, ao qual Oscar Niemeyer (1907-2012), em poucas palavras, assim definiu: era um homem de bem, um homem muito corajoso, que vai fazer falta a todos nós. É só...

Referências

Fontes

Necrológios e elegia de Ulysses Guimarães selecionados por Luís Guttenberg e publicados na obra *Ulysses Guimarães* (2012), citada na bibliografia.

Necrológio de Washington Luís. Câmara dos Deputados, 6 de agosto de 1957.

Necrológio de Horácio Lafer. Câmara dos Deputados, 1 de julho de 1965.

Necrológio de Mazzili. Câmara dos Deputados, 23 de abril de 1975.

Necrológio de Cunha Bueno. Câmara dos deputados, 6 de janeiro de 1982.

Necrológio de Virgílio Távora. Congresso Nacional, em 8 de junho de 1988.

Necrológio do Senador Luís Viana Filho. Câmara dos Deputados, 5 de junho de 1990.

Elegia. Correio Braziliense, 15 de março de 1992.

Entrevistas

Fernando Henrique Cardoso. *Entrevista realizada por Luiz Maklouf Carvalho*, publicada em livro citado na bibliografia.

José Carlos Sabóia. *Jornal da Constituinte*, Brasília, 56, 1 a 7 de agosto de 1988, p. 12.

José Paulo Cavalcanti Filho. Entrevista realizada por José Nêumanne. *O Estado de S. Paulo*, 25 de julho de 2018. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/neumann>

Mailson da Nóbrega. *Entrevista realizada por Luiz Maklouf Carvalho*, publicada em livro citado na bibliografia.

Nabokov's interview. (11) *The New York Times*, 1969.] Disponível em http://lib.ru/NABOKOV/inter11.txt_with-big-pictures.html Acesso em 5 de maio de 2018.

Sandra Cavalcanti. *Entrevista realizada por Luís Maklouf Carvalho*, publicada em livro citado na bibliografia.

Ulysses Guimarães em folhetins. *Entrevista realizada Por Getúlio Bittencourt*, publicada no Jornal Folha de S. Paulo, edição 6853, 11 de fevereiro de 1979, p. 3-10.

Periódicos e Publicações Oficiais

ANAIS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, RJ, edição 5, sessão de 2 de novembro de 1891, p. 14-15.

JORNAL DO BRASIL, RJ, edição 68, 15 de junho de 1987, p. 1; edição 322, 1º. caderno, 28 de fevereiro de 1980, p. 4; edição 260, 24 de dezembro de 1988, p. 1; edição 76, caderno B, 23 de junho de 1992, p. 3.

BOLETIM DO CONGRESSO NACIONAL, R.J. Sessão de 2 de novembro de 1891, p. 15.

CONGRESSO NACIONAL, Brasília. Sessão Solene de 15 de outubro de 2012, Disponível em CN 15102012 pdf

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Brasília: Senado Federal; Secretaria Especial de Editoração e Publicações; Subsecretaria de Edições Técnicas, 2001.

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL, Brasília, edição 170. Ata da Sessão Solene em 13 de outubro de 1993 (Câmara dos Deputados), edição 171, 15 de outubro de 1992.

GAZETA DE NOTÍCIAS, RJ, edição 25, 25 de janeiro de 1891.

JORNAL DO COMÉRCIO, Manaus, AM, edição 34262, 29 de abril de 1987, p. 3 e edição 34276 de 13 de maio de 1987, p. 3.

JORNAL DO COMÉRCIO, RJ, edição 10, 14 de outubro de 1992, p. 22; edição 11, 15 de outubro de 1992, p. 3.

JORNAL DO SENADO, Brasília, edição 2684, 5 de outubro de 2007, p. 4.

REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA, RJ, edição 235, jan-mar. 1994, p. 60.

TRIBUNA DA IMPRENSA, RJ, edição 11623, 15 de junho de 1987, p. 1-2 e edição 1306, 14 de outubro de 1992, p. 1-2.

Bibliografia

ALDEN WHITMAN, N.Y. TIMES OBITUARIST.DIES – THE WASHINGTON POST, September 6, 1990. Disponível em <https://nytimes.com/1990/09/05/nyregion/obituary-alden-whitman-is-dead-at-76-made-an-art-of-times-obituaries.html> Acesso em 7 de julho de 2018.

AMADO, Jorge. "O Cidadão Generoso". In: BOAVENTURA, Edivaldo M. (Org.). *Homenagem a Luiz Viana Filho*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1991, p. 103-107.

ARENDDT, Hanna. *Homens em tempos sombrios*; tradução Denise Bottman; pós-fácio Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ATHAYDE, Austregésilo. As lições de Ulysses. *Jornal do Comércio*, RJ, edição 11, 15 de outubro de 1992, p. 4.

BARBOSA, Ruy. *Obras Completas*. Volume XIII, tomo I, 27 de outubro de 1886, p. 368.

BIOGRAPHIE: *Vladimir Nabokov-Société Française Vladimir Nabokov*. Disponível em [Vladimir Nabokov.org](http://VladimirNabokov.org) Acesso em 8 de julho de 2018.

BIRNBAUM, Molly. The perpetually dying art of the small-town obituary. *Atlas Obscura*, September, 16, 2015. Disponível em <https://atlasobscura.com/articles/the-perpetually-dying-art-of-the-smalltown-obituary> Acesso em 5 de maio de 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Sessão Solene do Congresso nacional de 15 de outubro de 1992*. Disponível em CN15102012.pdf

CANETTI, Elias. *Sobre a morte*; tradução Rita Rios; pós-fácio Thomas Macho. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CARBONELL, Charles-Olivier. *Histoire et historiens: une mutation idéologique des historiens français: 1865-1885*. Toulouse: Privat, 1976.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *1988: segredos da Constituinte. Os vinte meses que mudaram e agitaram o Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CAUVIN, Charles. Henri de Guise: le balafre. *Tours*: Alfred Mame et fils éditeurs, 1881. Disponível em gallica.bnf.fr

CEM ANOS DE ULYSSES GUIMARÃES: DOIS GRANDES DISCURSOS. Disponível em <http://blogdocitadini.com.br/?p=4739> Acesso em 29 de abril de 2018.

CHAUNU, Pierre. *Memoria de la eternidade*; presentación de José-Patricio Merino. Madrid: Ediciones RIALP S.A, 1979.

CHESTERTON, G.K. *Alarms and discursions*, 1910.pdf

_____. *Ortodoxia*; tradução e apresentação Ives Gandra da Silva Martins Filho. Campinas, SP: CEDET, 2013.

CORBIN, Alain. *Histoire de silence de la Renaissance à nos jours*. Paris: Albin Michel, 2016.

DAMÉ, Luiza; BRAGA, Isabel; JUNGELUT, Cristiane. Duas décadas sem Ulysses Guimarães: até o fim, lição de política. *O Globo*, RJ, 1 e 12 de outubro de 2012. Disponível em <https://oglobo.com.br/duas-decadas-sem-ulysses-guimaraes-ate-fim-licao-de-politica-6380993> Acesso em 18 de julho de 2018.

DUMOULIN, Olivier. *O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal*; tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Coleção História e Historiografia)

El GARBIE, Rana. L'adaptation cinématographique d'oeuvres théâtrales chez Jean Cocteau. *Études Littéraires*, 45 (3): 31-41, automne 2014. Disponível em www.erudit.org

FAORO, Raymundo. *A república em transição*. Poder e direito no cotidiano da democratização brasileira (1982 a 1988); organização de Joaquim Falcão e Paulo Augusto Franco. Rio de Janeiro; Record, 2018.

FRAGA, Plínio. *Tancredo Neves, o príncipe civil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

GUIMARÃES, Ulysses. *Rompendo o cerco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção da Democracia Brasileira, vol. 2)

_____. Discurso do presidente da Assembleia Nacional Constituinte, em 5 de outubro de 1988, por ocasião da Promulgação da Constituição Liberal. *Revista Direito FGV*, São Paulo, 4 (2): 595-602, jul-dez. 2008.

_____. Oração do Adeus. IX Convenção do PMDB em 24 de março de 1991. *Separata*. Câmara dos Deputados, 1991.

GUTTENBERG, Luiz. Moisés: *Codinome, Ulysses Guimarães: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LACHER, Marcello. Em sessão solene, Congresso lembrará a trajetória política de Ulysses Guimarães. *Jornal da Câmara*, Brasília, edição 2873, p. 6.

LEMONS, Renato. *Benjamin Constant: vida e história*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

LEONZO, Nanci. O culto aos mortos no século XIX: os necrológicos. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983, p. 76-85.

LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MORENO, Jorge Bastos. *A história de Mora. A saga de Ulysses Guimarães*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

MOTA, Carlos Guilherme. Parnasianismo brasiliense. *Jornal do Brasil*, RJ, edição 37, caderno B especial.

NOSSA SENHORA APARECIDA. Discurso de Ulysses Guimarães. Câmara dos Deputados, 17 de agosto de 1967. In: ULYSSES GUIMARÃES; *seleção de textos*, introdução e comentários de Luiz Gutenberg. Brasília: Centro de Documentação e Informação; Edições Câmara, 2012, p 170.

O Livro DAS VIDAS; organização Matinas Suzuki Jr; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROSA, João Guimarães. *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 16 de novembro de 1967*. Disponível em <http://academia.org.br> Acesso em 9 de julho de 2018.

ROSSI, Clovis. 25 anos após morrer, Ulysses ainda é o rosto da democracia. *Folha de S. Paulo*, 12 de outubro de 2017, p. A14 (poder).

SANDRONI, Cícero; SANDRONI, Laura Constância A. de. Athayde, Austregésilo de. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

SCARTEZINI, A.C. *Dr. Ulysses: uma biografia*. São Paulo: Marco Zero, 1993.

SIMON, Pedro. *A reconstrução da democracia*. Brasília; Senado Federal, 2006.

_____. *Do regime militar ao mensalão (Minhas lutas pela dignidade humana)*. Brasília: Senado Federal, 2006.

TODOROV, Tzevetan. *Memória do mal, tentação do bem*. Indagações sobre o século XX; tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: ARX, 2002.

ULYSSES GUIMARÃES; seleção de textos, introdução e comentários de Luiz Guttenberg. Brasília: Centro de Documentação e Informação; Edições Câmara, 2012.

ULYSSES VIVE! Sessão especial do Senado Federal em homenagem ao Deputado Ulysses Guimarães, em 4 de outubro de 2017, por iniciativa do Senador Jarbas Vasconcelos (PMDB/PE). Senado Federal, Brasília, 2007.

VERBETE NECROLOGE. Dictionnaire des sciences médicales. Paris: Panckoucke, 35: 335-334, 1819.

